

Admiração e afeição

“Conheci o professor Goldemberg mais de perto exatamente nessa época em que ele era o reitor da USP, e eu era vice-reitor da Unicamp na gestão do professor Paulo Renato. Eu o conheci pelas tratativas que então se faziam visando a criar um mecanismo novo que pudesse garantir às universidades o funcionamento do ponto de vista da gestão, administração, planejamento que não ficasse tão dependente das oscilações que são comuns na vida política dos municípios, Estados e do País, de modo que você pudesse ter então um paradigma, um modelo novo de gestão que garantisse, de um lado, uma estabilidade do ponto de vista administrativo, e as condições de um planejamento que permitisse também uma garantia de estabilidade do ponto de vista das atividades fins da universidade – pesquisa, ensino e extensão.

Se falou muito nessa época, os reitores se reuniam constantemente. Havia portanto uma conversa entabulada também com o governo, era governador o Orestes Quécia, e nessas conversas eu pude então ampliar e aprofundar a convivência com o professor Goldemberg, e acompanhar todas as tratativas visando o estabelecimento desse novo paradigma de gestão das universidades públicas estaduais.

Finalmente, chegou-se a um bom termo de entendimento com o governo Quécia e se estabeleceu, por meio de um decreto do governador de fevereiro/1989 o que todos conhecemos hoje como autonomia de gestão financeira das universidades estaduais públicas paulistas.

A questão da autonomia é algo que acompanha a história das universidades desde seu nascimento, praticamente, desde a criação das primeiras universidades. É algo que ficou também consagrado na Constituição brasileira e que se repete nas Constituições estaduais, relativamente a autonomia administrativa e acadêmica. Mais o decreto avançou naquilo que diz respeito a prática efetiva da gestão da universidade, que é a gestão do orçamento dedicado às instituições e a questão da execução orçamentária. Esse dispositivo prevalece até hoje e, na verdade, foi inspirado por uma situação que já era conhecida no Estado de São Paulo desde a origem da Fapesp, criada em 1962 já com a situação exemplar de autonomia de

gestão financeira, consignada na Constituição do Estado. A Fapesp receberia, então, 0,5% da receita tributária do Estado, e depois disso o percentual se elevou para 1%. A diferença entre as universidades e a Fapesp é que no caso da fundação isso está na constituição do Estado, nas universidades está em vigor o decreto de fevereiro de 1989.

O professor Goldemberg teve um papel fundamental nesse processo, pela habilidade, capacidade de articulação, pela disposição em encontrar efetivamente um caminho que garantisse esses princípios que mencionei, e que podem ser resumidos na questão da autonomia de gestão financeira, de forma que isso foi, digamos, uma conquista das universidades na ocasião, pelo papel que tiveram então os reitores das três universidades paulistas, destacando-se, sem dúvida, o papel do professor Goldemberg nesse processo. Isso é tão importante e, ao mesmo tempo, original, penso ser essa situação uma situação singular em toda a história das universidades do mundo inteiro: você ter uma situação em que o Estado contempla a autonomia plena das instituições. Autonomia não significa independência, significa ao mesmo tempo que liberdade para composição orçamentária e execução orçamentária, responsabilidade grande na execução do orçamento e conseqüentemente na formulação do equilíbrio das condições de bom funcionamento da vida acadêmica nas instituições. É uma situação *sui generis*. Isto é algo que certamente tem aí uma atuação do Goldemberg, uma identificação bastante grande.

Como era vice-reitor da Unicamp e coordenador geral da Universidade, depois vim a ser reitor, mas com a autonomia de gestão financeira, pudemos desenvolver um grande programa de reformulação das carreiras dentro da universidade, tanto carreira docente quanto das carreiras dos servidores técnico-administrativos, sempre dentro do princípio da autonomia, o que permitiu que as instituições pudessem efetivamente dar um salto de qualidade muito grande. Na minha gestão como reitor da Unicamp, entre 1990 e 1994, criei o Programa Projeto Qualidade, voltado para este enfoque, tanto do ponto de vista das atividades fins da universidade, e das atividades meio – atividades técnicas e administrativas que dão suporte para a vida acadêmica.

Acompanhei a carreira do professor Goldemberg tanto do ponto de vista de seu desempenho como pesquisador e em várias outras frentes, sua militância jornalística, a questão energética e ambiental, de forma que, de alguma maneira, nos reencontramos quando presidi a Fapesp, já que ele sucedeu o Celso Lafer na Fapesp. Tenho pelo Goldemberg uma grande admiração e afeição, tive a satisfação de estar no júri do Prêmio da Fundação Conrado Wessel que ele recebeu há dois anos, de forma que é uma alegria e uma satisfação poder ver que, enfim, a USP, que é também a minha universidade de origem, onde me formei, concede ao professor Goldemberg o título de professor emérito, um reconhecimento muito mais do que merecido.”

Carlos Vogt – Professor emérito da Unicamp e coordenador do Labjor/Unicamp. Foi presidente da FAPESP e secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo.